

SOBRE O TELEFONE: “Meu Deus, isto fala!”¹

A invenção do telefone foi matéria bastante controversa. Aprendi na escola que a proeza teria sido de Alexander Graham Bell, um sujeito que nasceu na cidade escocesa de Edimburgo, em 03 de março de 1847, e que, depois, no ano de 1870, mudou-se para o Canadá. No início de 1876, Graham Bell registrou a patente do seu invento. Naquela época, Elisha Gray, um americano, também reivindicou para si a invenção do telefone; Gray havia descoberto, já em 1870, a função aprimorada do telégrafo na transmissão de sinais sonoros por meio de um cabo, mas a demora em registrar o seu sistema fez com que ele perdesse os direitos de inventor.

Mas Gray não foi o único a contestar Graham Bell como inventor do telefone: Antonio Santi Giuseppe Meucci, um italiano nascido em Florença e imigrado para os Estados Unidos teria inventado um protótipo do telefone; isso se deu um pouco antes das experiências de Gray e Bell. Em 1856, Meucci construiu um telefone eletromagnético - *telettrofono* - para conectar o seu escritório ao seu quarto, localizado no segundo andar da casa dele, para atender aos chamados da esposa que sofria de reumatismo. Devido a dificuldades financeiras, Meucci acabou vendendo o protótipo do telefone a Graham Bell que, em 1876, patenteou a invenção como sendo sua. Meucci o processou, mas acabou morrendo durante a discussão do processo. Assim, até recentemente, Alexander Graham Bell era considerado o inventor do telefone. No entanto, em 11 de junho de 2002, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a resolução número 269, reconhecendo oficialmente que o inventor do telefone fora Antonio Meucci e não Alexander Graham Bell.

A história da telefonia brasileira começou fora do Brasil, em 04 de junho de 1876, quando o imperador D. Pedro II visitava a Exposição de Centenário da Independência dos Estados Unidos, na Filadélfia; naquela ocasião, foi um espanto para Sua Alteza Real ter escutado nitidamente, conduzida através de um fio, a voz de Graham Bell que se encontrava a mais de 150 metros: "My God, it speaks!" (“Meu Deus, isto fala!”, disse o Imperador). Aquela visita e a experiência bem sucedida foram divulgadas na imprensa, fato que ajudou a promover o invento e despertou grande curiosidade, o que Graham Bell sobre bem aproveitar. No ano seguinte, graças ao entusiasmo do Imperador, o telefone já estava no Brasil, primeiro instalado na Corte, no Palácio de São Cristóvão, hoje Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, para que D. Pedro II pudesse se comunicar com seus

¹ Texto publicado originalmente e de forma reduzida no *Jornal de Minas* (São João del-Rei – MG, ano XIII, edição número 232, de 11 a 17 de outubro de 2013).

ministros e repartições governamentais (o aparelho foi um presente de Graham Bell para o Imperador). Logo depois, na loja O Grande Mágico, do empresário Leon Rodde, aconteceu a primeira demonstração pública no Rio de Janeiro. Em 1879 foi autorizada a exploração da telefonia em várias províncias do Império.

Já em 1883 a cidade do Rio de Janeiro contava com cinco centrais telefônicas, cada uma com capacidade para 1000 linhas, e foi instalada a primeira linha interurbana, ligando o Rio a Petrópolis. Em 1888, foi fundada a “Brazilian Telephone Company”, companhia de capital canadense que depois de passar por diversos proprietários, foi incorporada, em junho de 1889, à alemã “Brasilianische Elektrizitäts Gesellschaft”; só a partir de 1923 é que passou a ser denominada Companhia Telefônica Brasileira (CTB), empresa que foi nacionalizada por Juscelino Kubsticheck, em 1956.



A primeira tentativa de implantação de telefones na mineira São João del-Rei se deu em 24 de dezembro de 1912, quando a Câmara resolveu contratar os senhores Oscar de

Andrade Botelho e Antônio Alvarenga para implantar telefones na cidade; em 31 de dezembro de 1919, o serviço foi transferido para Ananias de Castro Teixeira e em 01 de janeiro de 1945 o telefone volta para a responsabilidade municipal. No ano de 1960 organizou-se a *Companhia Telefônica Sanjoanense*², sob a direção de Francisco de Almeida Neves e com a gerência de Dagmar Gomes de Araújo (a “Dona Mazinha”³); a Companhia operou até o ano de 1977, quando a telefonia local foi encampada pela TELEMIG S.A. - Telecomunicações de Minas Gerais (operadora do sistema TELEBRAS - Telecomunicações Brasileiras S.A., que controlava as várias prestadoras estatais de serviços telefônicos que atuavam nos estados, além da EMBRATEL). No ano de 1977 começou a funcionar em São João del-Rei o sistema de Discagem Direta a Distância (DDD).

² Em 08 de Junho de 1961, a lei federal número 3903, isentou dos impostos de importação e de consumo a aquisição do centro telefônico automático destinado à Companhia Telefônica Sanjoanense, para o serviço de telefones urbanos na cidade de São João del-Rei - MG.

³ Era esposa do tenente Norton de Araújo, ex-combatente da FEB.

Os primeiros telefones residenciais de São João del-Rei eram conectados a uma central manual operada por uma ou mais telefonistas (aqui, além de D. Mazinha, pude apurar que uma das telefonistas foi a senhora Maria Amélia Pato⁴).

Para o usuário, o ato de telefonar não era coisa simples como é hoje: tinha que girar uma manivela para gerar a "corrente de toque" e chamar a telefonista que atendia, e, através da solicitação do usuário, comutava os pontos manualmente através das "pegas". Era assim que um assinante conseguia ser conectado ao outro (no painel da mesa, à frente da telefonista, havia uma tomada para cada aparelho telefônico instalado na cidade). A telefonista, ao receber o pedido de ligação, perguntava a quem é que devia chamar: "número, faz o favor!"; então, ela conectava ao telefone requerido, enfiando o pino na tomada correspondente, avisava a pessoa sobre a chamada a ser completada e transferia a ligação.

Na São João del-Rei daquela época, onde praticamente todos eram bem conhecidos, quase ninguém pedia a ligação pelo número desejado, mas sim dizendo: me liga com a casa de 'fulano' ou com a loja 'tal'; quando alguém pedia a ligação pelo número, desconfiava-se logo que poderia ser alguém de fora da cidade. As listas telefônicas eram compostas por poucas páginas. Naquela época, para exemplificar que uma pessoa sabia de muitas coisas, era comum dizer "fulano ou fulana sabe mais do que uma telefonista!", ou, ainda, "Deus e as telefonistas sabem de tudo!". As telefonistas eram míticas, parecendo aos cidadãos que viviam num mundo diferente dentro da central telefônica, e que elas eram conhecedoras de um mundo oculto, sabiam de muitos mexericos, guardavam grandes segredos e sabiam da intimidade das pessoas; de fato, elas ouviam as conversas que quisessem, pareciam saber de quase tudo que ocorria na cidade, mas eram juramentadas (mais ou menos assim como são os padres nos confessionários)⁵.

Então, naqueles primórdios, enquanto se esperava completar a ligação, a voz simpática e invisível do outro lado da linha telefônica suscitava muitas fantasias entre homens, mas as telefonistas reagiam a todas as propostas com um simples: "está ocupado, senhor. Avisarei quando a linha estiver livre". Disseram-me que também era possível também chamar a telefonista para indagar a hora certa, pois elas tinham à disposição um grande relógio à

⁴ Era filha de dona Santinha Pato, que morava na Rua Antônio Rocha e que trabalhou na portaria do Theatro Municipal de São João del-Rei.

⁵ Contaram-me "sob segredo de confissão" que certa ocasião uma telefonista recebeu ligação pedindo conexão com a casa de um famoso político são-joanense, ao que ela respondeu: "meu senhor, a esta hora o senhor não conseguirá falar com o dr. 'fulano de tal', porque é a hora dele tomar banho!".

frente justamente para prestar esta informação. Além de solícitas, as telefonistas precisavam ser discretas: afinal, querendo ou não, podiam ouvir a conversa inteira dos assinantes para que, após a despedida, encerrassem a ligação. Podiam também cortar a ligação quando bem quisessem... Dia 29 de Junho é o Dia da Telefonista (e também o do Pescador) porque o trabalho delas é considerado assemelhado ao de São Pedro que “atende e recebe as pessoas lá no céu”; se o Santo tem as chaves dos céus, as da comunicação estavam nas mãos das telefonistas!

Lembro-me de já ter ido com meu tio⁶ na *Companhia Telefônica Sanjoanense*, quando ele pedia ligações para Belo Horizonte, São Paulo, Uberaba ou até mesmo para o exterior. Era comum demorar e ouvir a telefonista dizer para voltar em uma ou duas horas, pois os equipamentos eram arcaicos, deficientes. Quando começava o procedimento da ligação, era comum a pessoa ouvir a telefonista da outra região chamar a de outra, enquanto ouviam-se zumbidos, estalos e sons diversos na tentativa de estabelecer as conexões (uma cidade chamava a outra, até chegar ao destino desejado para o telefonema). Quando chegava a hora de falar com a pessoa desejada, dirigia-se a uma das duas cabines de madeira com portas de vidro e geralmente falava-se muito alto ou até mesmo gritava-se⁷! Era uma indiscrição, pois quem estava por perto ouvia o teor de apenas um dos lados da conversa e imaginava coisas... Só depois de algum tempo, com o surgimento das centrais automáticas os telefones passaram a ser providos de "discos" para envio da sinalização. Estes discos geravam a sinalização decádica, que consiste de uma série de pulsos (de 1 a 10). Esta tecnologia prevaleceu até o final da década de 1960 quando começaram a surgir os telefones com teclado eletrônico. Foi com a chegada do DDD que o mundo das conversas telefônicas começou a ficar um pouco mais anônimo, e uma era romântica foi eliminada em nome do progresso; com as ligações via DDD, às vezes acontecia de uma linha cruzar com outra e aí se podia ouvir segredos ou indiscrições. Depois começaram a instalar telefones públicos nas ruas e o modelo deles era uma decepção se comparados com os das cabines mostradas em filmes americanos ou daquelas célebres cabines vermelhas da capital inglesa, nas quais quem telefonava tinha um pouco de privacidade e ficava abrigado das intempéries.

Os nossos primeiros telefones de rua, pelo formato que possuíam, foram apelidados de “orelhões”. De vez em quando, por acaso, descobria-se um

⁶ Mário Moreira de Carvalho (1927-1987).

⁷ Há lembranças de que o geólogo Feres Dekechi, tentando falar ao telefone e não conseguindo ouvir a voz da outra pessoa, saía de dentro do cubículo da cabine e, furioso, dava um sonoro “alô” para os que estavam do lado de fora, no sentido de tentar amenizar o barulho...

orelhão com defeito que permitia ligações gratuitas (locais, nacionais e até mesmo internacionais); então, era comum formar filas diante deles, ocasião em que também surgiam as figuras do organizador de filas e do cronometrista do tempo de conversa, uma espécie de jeitinho dado para que todos tivessem acesso ao telefone, mas que falassem por pouco tempo dando a oportunidade para que todos gozassem daquela gratuidade; dizia-se que se a polícia pegasse, prendia todo mundo, mas acho que era balela só para desencorajar as pessoas...



Nos orelhões era possível fazer ligação com uma fichinha telefônica, que era parecida com uma moeda com ranhuras; aquelas fichas transformaram-se também em “moeda oficial”: com elas era possível pagar por um café, por uma pinga e serviam de troco em bares ou padarias. Depois das fichas metálicas, surgiram os cartões magnéticos e com eles atividade de “caçadores de cartões” que percorriam as ruas, procurando por cartões ainda com créditos esquecidos nos orelhões, bem como se transformaram em objetos de desejos dos telecartofilistas.

A história da telefonia no Brasil, em Minas Gerais e principalmente na mineira São João del-Rei é epopéia que merece ser ainda mais pesquisada; desta forma, o que aqui está escrito é apenas uma humilde tentativa de iniciar ou provocar o início de tais pesquisas. Quem se aventura?



Sede da “telefônica” de São João del-Rei - MG, na Praça dos Andradas. Este prédio ainda existe, embora esteja muito descaracterizado. Foto: reprodução do arquivo de Silvério Parada.